

O LUGAR DO ENSINO DE LITERATURA NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA: O TRABALHO COM O LIVRO QUARTO DE DESPEJO EM TURMAS DO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO

Pietra Barsotti dos Santos ¹
Marcelo Cizaurre Guirau ²

RESUMO

A literatura exerce múltiplas funções: amplia o repertório cultural, estimula a imaginação, promove reflexões sociais e, sobretudo, favorece o reconhecimento de si. Nesse sentido, desempenha um papel fundamental na construção da identidade do ser humano. Esta pesquisa teve como objetivo investigar de que forma a leitura da obra “Quarto de Despejo”, de Carolina Maria de Jesus, contribuiu para o processo de autoconhecimento dos alunos do 1º ano do Curso Técnico em Logística Integrado ao Ensino Médio, oferecido pelo Campus São Paulo Pirituba do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP/PTB). Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, fundamentado na observação das aulas da disciplina “Literatura e Sociedade – Relações Étnico-Raciais e de Gênero”, com ênfase nas discussões e atividades desenvolvidas em torno da obra, como parte das atribuições do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid). Neste relato de experiência, propomos compreender como a literatura pode despertar nos estudantes a consciência de si mesmos, investigando, ainda, de que maneira a identificação com personagens literários colabora para o processo de construção identitária. A fundamentação teórica baseia-se em autores como Conceição Evaristo, por meio do conceito de “escrevivência”; Rildo Cosson (2006), com a noção de letramento literário; e Sigmund Freud (1921), a partir de sua concepção de identidade.

Palavras-chave: Ensino de Literatura, Identidade, Ensino Médio, Quarto de Despejo, Literatura e Sociedade.

INTRODUÇÃO

As aulas de literatura no Ensino Médio ocupam um lugar estratégico na formação crítica, cultural e identitária dos estudantes. É nesse contexto que surge a disciplina “Literatura e Sociedade – Relações Étnico-Raciais e de Gênero”, que traz em dupla docência as matérias

¹ Graduanda do Curso de Letras Português-Inglês do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Campus São Paulo Pirituba - IFSP PTB, e bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) pela CAPES, pietra.barsotti@aluno.ifsp.edu.br;

² Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - IFSP, cizaurre@ifsp.edu.br;

de Literatura e Sociologia, articulando textos literários ao cotidiano e à questões não tão debatidas no ambiente escolar.

Por se tratar de uma matéria de dupla docência, as aulas ocorrem de forma duplicada: metade da turma participa das aulas de literatura, enquanto a outra metade participa da de sociologia; as turmas trocam de sala na semana seguinte. Dessa forma, é possível adaptar o conteúdo ensinado com mais facilidade e acompanhar os estudantes com mais atenção.

É nesse cenário que surge o trabalho com “Quarto de Despejo”, de Carolina Maria de Jesus, obra cujo realismo, ao narrar o cotidiano cruel da vida na favela, comove o leitor, fazendo-o questionar questões sociais, raciais e de gênero. A leitura torna-se ainda mais importante sob a perspectiva da escrevivência — termo cunhado por Conceição Evaristo, que une as palavras “escrever” e “vivência” para definir uma escrita originária das experiências vivenciadas, uma vez que, para a autora, “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa grande e, sim, para acordá-los de seus sonos injustos” (EVARISTO, 2017, p. 18).

Essa perspectiva evidencia a escrita como ato político e de identificação, visto que dialoga com as experiências de uma mulher negra. Segundo a concepção freudiana de identidade, tem-se que o “eu” se forma a partir de movimentos constantes de identificação, conflito e elaboração simbólica. Como afirma o autor, “a formação do eu é, primeiramente, um processo de identificações” (FREUD, 1921/2011, p. 49), que continua a se constituir ao longo da vida por meio das experiências que marcam o sujeito. Em outro momento, Freud destaca que “o eu não é senhor em sua própria casa” (FREUD, 1925/2011, p. 143), sublinhando que a identidade é dinâmica, atravessada por vivências emocionais e pelas condições sociais em que cada indivíduo está inserido.

Assim, a abordagem de *Quarto de despejo* nas turmas do 1º ano do Ensino Médio oferece um espaço privilegiado para analisar como os jovens elaboram processos de identificação, estranhamento e compreensão sobre si. A obra de Carolina Maria de Jesus, ao narrar a realidade, cria um terreno fértil para que os estudantes construam reflexões sobre o mundo, e sobre como se situam na sociedade.

METODOLOGIA

A construção do presente relato de experiência fundamentou-se em uma abordagem metodológica qualitativa, adequada às investigações que buscam compreender práticas educacionais em contextos específicos. Para isso, foram mobilizados diferentes recursos, tais como obras de referência para embasamento teórico, registros de atividades realizadas com os estudantes e observações sistemáticas decorrentes da participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) ao longo do primeiro semestre de 2025. As ações foram desenvolvidas em uma turma do primeiro ano do Curso Técnico em Logística Integrado ao Ensino Médio, no Campus São Paulo Pirituba do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP/PTB).

Inicialmente, buscamos identificar a bagagem educacional dos alunos, suas práticas de leitura e seus interesses literários. Com esse objetivo, elaboramos um levantamento diagnóstico voltado aos hábitos leitores, a fim de orientar a seleção das obras a serem trabalhadas em sala de aula (figura 1). Após o levantamento de hábitos de leitura dos alunos, consultamos a turma que a escolha dos livros que seriam trabalhados durante o ano letivo. O instrumento adotado consistiu em um formulário online, no qual os estudantes puderam escolher quatro títulos em uma lista de dezenove obras previamente selecionadas. Os resultados evidenciaram a expressiva escolha pelo livro “Quarto de despejo,” de Carolina Maria de Jesus, que obteve o maior número de votos, orientando a definição da leitura obrigatória para o bimestre (figura 2).

A partir da escolha da obra, estruturou-se um plano de aula para o segundo bimestre letivo, orientado pelos pressupostos do letramento literário. Conforme afirma Cosson (2014, p. 23), “o letramento literário é uma prática social e, como tal, precisa ser aprendido e exercido de forma permanente”, o que implica compreender a leitura literária como espaço de formação crítica e de construção identitária no contexto escolar. Essa perspectiva reforça a necessidade de inserir o estudante em práticas que articulem texto, sujeito e sociedade. Nesse sentido, destaca o autor:

“A literatura nos forma porque nos oferece não apenas o espelho de quem somos, mas também a janela pela qual vislumbramos o outro e, assim, ampliamos nosso horizonte de compreensão. Na experiência literária, convivem a subjetividade de cada leitor e as múltiplas vozes sociais que atravessam o texto, permitindo que a leitura se torne um exercício de



reconhecimento, questionamento e reconstrução identitária.” (COSSON, 2014, p. 17)

Com base nessas diretrizes, foram elaboradas atividades que buscassem promover a leitura como experiência sociocultural. O desenvolvimento das aulas incluiu a resolução de questões do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) relacionadas à obra e à temática racial (figura 3), aulas expositivas dialogadas sobre a trajetória de Carolina Maria de Jesus e o contexto social retratado em “Quarto de despejo”, além de debates orientados sobre trechos selecionados que estimulassem a interpretação crítica. Ao final, aplicou-se uma avaliação composta por questões adaptadas do vestibular de 2020 da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e uma proposta de redação (figura 4), permitindo verificar a compreensão da obra e das habilidades leitoras e argumentativas desenvolvidas ao longo do processo.

REFERENCIAL TEÓRICO

A fundamentação teórica deste estudo apoia-se, inicialmente, na concepção de letramento literário de Rildo Cosson, compreendido como uma prática que insere o leitor em uma experiência estética e social capaz de ampliar seu repertório cultural e crítico. O autor destaca que “a leitura literária é uma prática humanizadora que desenvolve nossa capacidade de compreender o outro e a nós mesmos” (COSSON, 2014, p. 16), evidenciando que o contato com textos literários ultrapassa o entretenimento e se constitui como formação. Assim, a literatura torna-se um espaço privilegiado para a construção identitária e para o diálogo entre sujeito, texto e sociedade, favorecendo uma leitura que articula sensibilidade, reflexão e criticidade.

Nesse processo de interação entre vida e texto, evidencia-se a pertinência das “escrevivências” de Conceição Evaristo, conceito que compreende a escrita como experiência encarnada, marcada pelas vivências concretas de sujeitos historicamente silenciados. A autora afirma que sua escrita “vem carregada de vidas” e nasce da urgência de nomear e narrar realidades invisibilizadas. Tal noção é particularmente relevante para a leitura de “Quarto de despejo”, uma vez que a obra de Carolina Maria de Jesus também emerge de um lugar social marginalizado, produzindo uma escrita que denuncia desigualdades ao mesmo tempo em que

registra, de forma sensível e contundente, a complexidade da existência de uma mulher negra favelada no Brasil da metade do século XX. Assim, a leitura da obra por estudantes do Ensino Médio constitui não apenas um encontro com uma narrativa testemunhal de enorme relevância histórica, estética e literária, mas também uma oportunidade de reflexão crítica sobre a historicidade e a pluralidade das experiências humanas.

A articulação entre literatura, subjetividade e identidade pode ainda ser compreendida à luz da teoria psicanalítica, sobretudo da concepção freudiana de “eu”. Para Freud, o “eu” se constitui em relação ao outro e ao contexto em que está inserido, sendo permanentemente atravessado por processos de identificação e conflito. A leitura literária, nesse sentido, funciona como um espaço simbólico no qual o sujeito pode projetar, reconhecer e reelaborar aspectos de sua própria constituição psíquica. Quando estudantes identificam no texto elementos que dialogam com suas vivências — sejam elas emocionais, sociais ou familiares —, ativam-se mecanismos subjetivos que ampliam a compreensão de si e do mundo. A presença de narrativas que expõem desigualdades estruturais, como em “Quarto de despejo”, intensifica esse processo ao confrontar o leitor com realidades que, embora distantes temporalmente, revelam permanências e ecoam questões identitárias relevantes para os jovens de hoje.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados das atividades e das discussões em sala de aula demonstraram que a maior parte dos estudantes estabeleceu uma relação profunda com a narrativa de “Quarto de despejo”. Durante as conversas, muitos relataram reconhecer no diário de Carolina Maria de Jesus situações que dialogavam com seu cotidiano, especialmente no que diz respeito às desigualdades estruturais e às dificuldades econômicas vivenciadas nas periferias. Esse movimento reforça a potência da literatura no ambiente escolar, pois, como afirma Antonio Cândido (2004, p. 175), “a literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate”, permitindo que o leitor articule o texto às próprias vivências e compreenda criticamente a realidade que o cerca.

A identificação dos estudantes com a obra encontra ressonância no conceito de escrevivências, de Conceição Evaristo, que ressalta o caráter coletivo, político e afetivo da

escrita produzida a partir das experiências vividas. Em outra passagem significativa, a autora afirma que “as escrevivências nascem do cotidiano, do chão que pisamos, das memórias que insistem em permanecer” (EVARISTO, 2013, p. 49). A leitura do diário de Carolina, nesse sentido, possibilitou que os alunos percebessem que suas histórias também são dignas de reflexão e registro, ampliando a compreensão de que a literatura desempenha papel central na legitimação das vivências de grupos historicamente silenciados. Assim, a obra operou como espaço de reconhecimento e, ao mesmo tempo, de deslocamento, permitindo que a turma compreendesse a dimensão social da escrita e da leitura.

Sob uma perspectiva psicanalítica, observou-se que a leitura da obra pode favorecer processos de autocompreensão e elaboração simbólica entre os estudantes. Freud destaca que a constituição do “eu” envolve um permanente jogo entre realidade externa, afetos e imagens internas e que “o eu se define por suas relações com o mundo que o rodeia” (FREUD, 1914/2010, p. 40). A literatura, ao apresentar experiências humanas intensas, funciona como mediadora desse processo, permitindo que o leitor reconheça conflitos, angústias e desejos que também atravessam sua formação identitária. Desse modo, a leitura de “Quarto de despejo” não apenas promoveu o desenvolvimento de competências leitoras, mas também ofereceu aos estudantes um espaço seguro de reflexão sobre pertencimento, desigualdade, autoestima e identidade — aspectos que emergiram espontaneamente nas conversas e nas avaliações realizadas ao longo do bimestre.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com “Quarto de despejo” nas turmas do 1º ano do Ensino Médio demonstrou o potencial da literatura como ferramenta formativa capaz de articular dimensões cognitivas, sociais e identitárias. A partir da abordagem integrada entre Literatura e Sociologia, os estudantes puderam compreender a obra de Carolina Maria de Jesus não apenas como um texto literário, mas como um registro potente de experiências marcadas pela desigualdade, pelo racismo estrutural e pela luta cotidiana por dignidade. A intensa identificação demonstrada pelos alunos ao longo das atividades evidenciou que narrativas ancoradas na realidade social contribuem para ampliar o olhar crítico e fortalecer processos de autoanálise.



Os resultados mostraram que a leitura, mediada pelo conceito de escrevivência e pela compreensão psicanalítica da formação do “eu”, funcionou como espaço de reconhecimento simbólico e reflexão sobre pertencimento. Ao se verem refletidos em trechos da obra, os estudantes mobilizaram suas próprias vivências para atribuir sentido ao texto, reafirmando o papel da literatura no desenvolvimento da sensibilidade e da consciência social. Como apontam Evaristo e Freud, tanto a escrita quanto a constituição subjetiva emergem das experiências, emoções e conflitos que moldam o sujeito — dimensão que se manifestou de maneira expressiva ao longo das atividades realizadas.

Desse modo, este relato evidencia a relevância do ensino de literatura no Ensino Médio, especialmente quando articulado a questões étnico-raciais e sociais que atravessam o cotidiano dos alunos. Ao unir teoria, leitura crítica e diálogo, o trabalho desenvolveu não apenas habilidades interpretativas, mas também práticas de reflexão que contribuem para a formação de estudantes mais conscientes, sensíveis e capazes de compreender o lugar que ocupam na sociedade. Assim, reforça-se a necessidade de um ensino literário comprometido com a realidade dos educandos, que promova o desenvolvimento de sujeitos críticos e ativamente envolvidos na construção de mundos mais justos.

REFERÊNCIAS

- CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura.** In: CANDIDO, A. Vários Escritos. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004. p. 169–191.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- EVARISTO, Conceição. **Escrevivências e outros ensaios.** Rio de Janeiro: Pallas, 2013.
- EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória.** Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- FREUD, Sigmund. **A negativa (1925).** Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.



FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo (1914).** In: FREUD, S. Escritos sobre a psicologia do inconsciente. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **O eu e o isso (1923).** Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. **Psicologia de grupo e análise do eu (1921).** Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu (1921).** In: FREUD, Sigmund. Obras completas, v. 15. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada.** São Paulo: Ática, 2021.

Ministério da Educação e INEP. **Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM.** Provas e Gabaritos. 2017, 2018 e 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-ativacao/avaliacao-e-exames-educacionais/enem/provas-e-gabaritos>

UNICAMP. **Prova de Vestibular 2020.** Disponível em:
https://www.educabras.com/provas_de_vestibular/pdf/provas_unicamp



ANEXOS

Figura 1: Questionário: Hábitos Leitor

1. Quantos livros você leu ano passado? <input type="checkbox"/> 1 a 3 livros <input type="checkbox"/> 4 a 6 livros <input type="checkbox"/> 7 a 10 livros <input type="checkbox"/> Mais de 10 livros <input type="checkbox"/> Nenhum	6. De que maneira você tem acesso aos livros? (Marque quantas quiser) <input type="checkbox"/> Biblioteca da escola <input type="checkbox"/> Biblioteca pública <input type="checkbox"/> Empréstimos de amigos/família <input type="checkbox"/> Compra de livros físicos <input type="checkbox"/> Compra de e-books <input type="checkbox"/> Sites gratuitos na internet (pdf/epubs) <input type="checkbox"/> Outros: _____
2. Quais gêneros você lê? (Marque quantos quiser) <input type="checkbox"/> Romance <input type="checkbox"/> Fantasia <input type="checkbox"/> Ficção científica <input type="checkbox"/> Terror <input type="checkbox"/> Mistério/Policial <input type="checkbox"/> Clássicos <input type="checkbox"/> Biografias <input type="checkbox"/> Não-ficção (história, ciência, filosofia, etc.) <input type="checkbox"/> Não leo <input type="checkbox"/> Outros: _____	10. Com que frequência você lê por prazer? <input type="checkbox"/> Todos os dias <input type="checkbox"/> Algumas vezes por semana <input type="checkbox"/> Algumas vezes por mês <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Nunca
3. Quais dificuldades você tem para ler? <input type="checkbox"/> Rotina (falta de tempo) <input type="checkbox"/> Trabalho <input type="checkbox"/> Preguiça <input type="checkbox"/> Não tenho acesso a livros <input type="checkbox"/> Dificuldades de entendimento do texto <input type="checkbox"/> Outros: _____	11. Você já usou audiobooks? <input type="checkbox"/> Sim, com frequência <input type="checkbox"/> Sim, mas raramente <input type="checkbox"/> Nunca, mas tenho interesse <input type="checkbox"/> Nunca e não tenho interesse
4. Quais motivos te fazem escolher uma leitura? (Marque quantos quiser) <input type="checkbox"/> Indicação de amigos/família <input type="checkbox"/> Interesse pelo autor <input type="checkbox"/> Assunto do livro <input type="checkbox"/> Adaptação para filme/série <input type="checkbox"/> Influência da escola <input type="checkbox"/> Influência das redes sociais <input type="checkbox"/> Outros: _____	12. Você prefere ler livros em qual formato? <input type="checkbox"/> Digital (e-books) <input type="checkbox"/> Físico <input type="checkbox"/> Áudio (audiobooks) <input type="checkbox"/> Não leo
5. Qual foi o último livro que você leu? <input type="checkbox"/> Justifique _____	13. O que faz abandonar uma leitura? (Marque quantos quiser) <input type="checkbox"/> Falta de tempo <input type="checkbox"/> História pouco interessante <input type="checkbox"/> Linguagem difícil e/ou cansativa <input type="checkbox"/> Livro muito longo <input type="checkbox"/> Não me identifico com os personagens <input type="checkbox"/> Prefiro consumir a história de outra forma (filme, série, resumo) <input type="checkbox"/> Outros: _____
9. Se você pudesse sugerir uma atividade para incentivar a leitura na escola, qual seria? <input type="checkbox"/> _____	14. Cite um autor que você costuma ler e/ou admira <input type="checkbox"/> _____
15. Quando um livro é indicado pela escola, o que você costuma fazer? <input type="checkbox"/> Leio todo o livro <input type="checkbox"/> Leio parte e procuro resumos <input type="checkbox"/> Leio apenas resumos <input type="checkbox"/> Não leo <input type="checkbox"/> Outros: _____	16. Você já leu alguma obra literária que impactou a sua vida? Qual? Por quê? <input type="checkbox"/> _____
18. Na sua casa, você tem algum familiar que tem o hábito de leitura e/ou te influencia/incentiva a ler? <input type="checkbox"/> _____	19. Quantos livros há em sua residência desconsiderando os didáticos (os de matérias da escola e/ou faculdade) e os religiosos (biblias, Alcorão...)? <input type="checkbox"/> Nenhum <input type="checkbox"/> 1 a 5 <input type="checkbox"/> 6 a 8 <input type="checkbox"/> 8 a 10 <input type="checkbox"/> 11 a 15 <input type="checkbox"/> Mais que 15

Fonte: Autoria própria, 2025.





Figura 2: Formulário para escolha das leituras obrigatórias - resultados



Google Formulários

Fonte: Autoria própria, 2025

Figura 3: Atividade com questões do ENEM

<p>ENEM 2017</p> <p>— Recusei a mão de minha filha, porque o senhor é... filha de uma escrava. — Eu? — O senhor é um homem de cor!... Infelizmente esta é a verdade... Raimundo tornou-se lúcido. Manoel prosseguiu, no fim de um silêncio: — Eu sou o que é, e é o que é que me recusa! Ana Rosa, mas é pura! A família de minha mulher sempre foi muito escrupulosa a esse respeito, e como ela é toda a sociedade do Maranhão! Concordo que seja uma asneira, concordo que seja um prejuízo social, mas é preciso que a gente saiba o que é por lá a presença contra os mulatos!... Nunca me perdonariam um tal casamento; ali do que, para realizá-lo, teria que quebrar a promessa que fiz a minha sogra, de não dar a neto senão um branco de lei, português, ou descendente direto de portugueses!</p> <p>(AZEVEDO, A. O mulatto. São Paulo: Escala, 2008)</p> <p>Influenciado pelo idealista científico do Naturalismo, a obra denuncia o modo como o mulato era visto pela sociedade de finais do século XIX. Nesse trecho, Manoel traduz uma concepção em que a</p> <ol style="list-style-type: none"> racismagem racial desqualificava o indivíduo; o condicionamento econômico anulava os conflitos raciais; discriminação racial era condena pela sociedade; escravidão negava o direito da negra à maternidade; união entre negros era um risco à hegemonia dos brancos. 	<p>ENEM 2018</p> <p>Quebranto¹</p> <p>às vezes sou o policial que me suspeito me peco documentos e mesmo de posse deles me prendo e me dou porrada</p> <p>às vezes sou o portero não me deixando entrar em mim mesmo a não ser pela porta de serviço</p> <p>... às vezes fico questionado de não me ver e entupido com a visão deles sinto-me a miséria concebida como um eterno concreto</p> <p>fechando o olho sendo o gesto que me nego u pinga que me bêbo e me embebedo o dedo que me aponto e denuncio o ponto em que me entrego, às vezes...</p> <p>(CUTI, Negros. Belo Horizonte: Zahar, 2007 (fragmento))</p> <p>Na literatura de temática negra produzida no Brasil, é recorrente a presença de elementos que traduzem experiências históricas de preconceito e violência. No poema, essa vivência revela que o lírico</p> <p>A incorpora salientemente o discurso do seu opressor.</p>	<p>B) submete-se à discriminação como meio de fortalecimento; C) engaja-se na denúncia do passado de opressão e injustiças; D) sofre uma perda de identidade e de noção de pertencimento; E) acredita espodicamente na utopia de uma sociedade igualitária.</p>	<p>B) predisposição materna para se envolver; C) atividade política marcante da comunidade; D) resposta irônica ante o discurso da autoridade; E) necessidade de revelar seus anseios mais íntimos.</p> <p>QUESTÕES:</p> <ol style="list-style-type: none"> Relacione o comportamento dos policiais mencionados tanto no poema de Cuti quanto no diário de Carolina Maria de Jesus. Releia o trecho do romance “O Mulato” e comente os significados possíveis dos itens destacados: <ul style="list-style-type: none"> “Já vê o amigo que não é por que me recusa! Ana Rosa, mas é pura! A família de minha mulher sempre foi muito escrupulosa a esse respeito, e como ela é toda a sociedade do Maranhão!”, Considerando o texto como um todo e as definições do dicionário Michaelis (ver nota de rodapé) para o termo, escreva o que seria o “quebranto” do título do poema de Cuti.
--	--	---	--

Fonte: Enem 2017, 2018 e 2022, assim como autoria própria, 2025.



Figura 4: Prova do livro

NOME: _____
TURMA: _____

QUESTÃO 1 (2 pts). - UNICAMP 2020 (Adaptada)

Texto I

(...) Contemplava extasiada o céu cor de anil. E eu fiquei compreendendo que eu adoro o meu Brasil. O meu olhar posou nos arvoresdos que existe no inicio da rua Pedro Vicente. As folhas movia-se. Pensei: elas estão aplaudindo este meu gesto de amor a minha Pátria. (...) Toquei o carrinho e fui buscar mais papéis. A Véra ia sorindo. E eu pensei no Casemiro de Abreu, que disse: "Ri criança. A vida é bela". Só se a vida era boa naquele tempo. Porque agora a época está apropriada para dizer: "Chora criança. A vida é amarga".

(Carolina Maria de Jesus. Quarto de despejo. São Paulo: Ática, 2014, p. 35-36.)

Texto II

RISOS

Ri, criança, a vida é curta,
O sonho dura um instante.
Depois... o cipreste esguio
Mostra a cova ao viandante!
A vida é triste, quem nega?
Vem vale a pena dizer-ló.
Deus a parte entre seus dedos
Qual um fio de cabelo!
Como o dia, a nossa vida

Na aurora – é toda venturas,
De tarde – doce tristeza,
De noite – sombras escusas!
A velhice tem gemidos,
A dor das visões passadas –
–A mocidade – queixumes,
Só a infância tem risadas!
Ri, criança, a vida é curta,
O sonho dura um instante.
Depois... o cipreste esguio
Mostra a cova ao viandante!

(Casemiro J. M. de Abreu. As primaveras. Rio de Janeiro: Tipografia de Paula Brito, 1859, p. 237-238.)

A representação da infância no texto I se aproxima e, ao mesmo tempo, difere daquela que se encontra no texto II. Considerando que o texto I é um excerto do diário de Carolina Maria de Jesus e o texto II é um poema romântico, identifique e explique essa diferença na representação da infância.

QUESTÃO 2 (1 pts). A escrita de Carolina Maria de Jesus é muito atacada por seus desvios da norma culta da língua portuguesa. Divergindo dessa visão, Emicida afirma que "uma frase bonita escrita com a grafia errada continua bonita"¹. Transcreva abaixo um trecho do livro de Carolina que confirme a afirmação de Emicida. Diga o que você viu de belo no trecho escolhido.

*As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na **sala de visita** com seus lustres de cristais, seus tapetes de vilões, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num **quarto de despejo**.²*

QUESTÃO 3 (1 pts). O livro "Quarto de Despejo" é repleto de percepções inteligentes sobre as formas de exclusão que dividem a cidade de São Paulo. Considerando o conjunto dessas percepções e o trecho acima, explique as metáforas da "sala de visita" e do "quarto de despejo", criadas pelo gênio criativo da autora para nomear um aspecto da cidade que ela via e vivia. (1 pts)

¹ In: DALCASTAGNE, Regina. Literatura brasileira contemporânea: um território contestado. Rio de Janeiro, Vinhedo: Editora da UERJ, Horizonte, 2012, p. 7.

² JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2020, p. 41.



X Encontro Nacional das Licenciaturas
IX Seminário Nacional do PIBID

Redação (6 pontos)

Escreva, em folha à parte, um texto sobre UM dos temas a seguir:

1 – A leitura e a escrita para Carolina. A literatura na vida de Carolina.

“Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo” (p. 28)
“O livro é a melhor invenção do homem” (p. 30)
“Gosto de ficar sozinha e lendo. Ou escrevendo” (p. 30)

2 – O racismo vivido por Carolina.

“...Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me:
— É pena você ser preta.
Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico. Eu até acho o cabelo de negro mais idêntico do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. E indisciplinado. Se é que existe reincarnações, eu quero voltar sempre preta.
(...) O branco é que diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe. A enfermidade que atinge o preto, atinge o branco. Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não seleciona ninguém.” (p. 64)

3 – O realismo da escrita de Carolina.

“Fui na sapataria retirar os papéis. Um sapateiro perguntou-me se o meu livro é comunista. Respondi que é realista. Ele disse-me que não é aconselhável escrever a realidade” (p. 100).

Critérios de correção:

1. Coesão
2. Coerência
3. Adequação do texto à proposta de redação escolhida
4. Pertinência dos argumentos
5. Correção gramatical
6. Diálogo com o livro de Carolina Maria de Jesus
7. Mínimo de linhas – 25
8. Identificação correta – NOME, DATA e TURMA.

Fonte: Vestibular UNICAMP 2020 e autoria própria, 2025.

